

JOSÉ DE MELO E SILVA E OS PROBLEMAS DE DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCACIONAL NA FRONTEIRA DE MATO GROSSO (1930-1947)

Carla Villamaina Centeno
Mestre em Educação

Professora da Universidade Para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP e da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS
carlavilla@brturbo.com

Introdução

Este trabalho procura discutir os problemas relacionados à diversidade cultural e educacional na fronteira de Mato Grosso, segundo José de Melo e Silva.

Doutor em Direito pela Universidade do Ceará, Silva migrou para o sul de Mato Grosso nos anos 1930, trabalhando como juiz de direito na fronteira com o Paraguai. Melo e Silva é um dos mais importantes historiadores regionais do período e o único a realizar um estudo sistemático sobre a fronteira de Mato Grosso. Além disso, é a maior expressão do pensamento nacionalista mato-grossense, no período em que a região havia passado por um rigoroso controle efetuado pelas políticas de nacionalização do Estado Novo (1937-1945). Escreveu duas obras acerca da região: *Fronteiras Guaranis* (1939) e *Canaã do Oeste* (1947). A primeira trata de um estudo sobre os guarani, os habitantes da fronteira, seus municípios, os problemas de colonização e de problemáticas regionais. Traz, ainda, um glossário ao final da obra, com um estudo sobre a língua guarani.

Na segunda, Silva estuda a região do sul de Mato Grosso, chamada por ele de Canaã do Oeste, uma antecipação do que hoje se constitui o estado de Mato Grosso do Sul. Melo e Silva via nessa região uma terra promissora, rica e de características diferentes do Norte de Mato Grosso, a *terra prometida*: “o mais importante celeiro do Centro Oeste e fornecedor de produtos para a Bolívia”¹. Nela há análises sobre a geografia física, humana e sobre a história do sul de Mato Grosso.

É importante ressaltar que o estudo sobre o pensamento de um autor regional não impossibilita o entendimento mais universal, ou seja, não impede que se entenda os problemas humanos mais gerais, pois a importância de um estudo mais sistemático sobre o pensamento de Melo e Silva não deve se limitar ao entendimento da realidade de Mato Grosso. Se a realidade de Mato Grosso é parte de outra mais geral, ou seja, é expressão singular do universal, então, podemos dar um passo para compreender os problemas humanos.

¹ MELO E SILVA, 1947, p. 12 - 13.

Os problemas educacionais e de diversidade cultural nas obras de Melo e Silva

José de Melo e Silva expressa o pensamento nacionalista dos anos 1930-1940, com suas raízes formadas na década anterior. Sabemos que o pensamento nacionalista tem vários matizes e que é impossível definir em poucas palavras o pensamento nacionalista brasileiro. Contudo, é possível afirmar que Melo e Silva é a maior expressão do nacionalismo mato-grossense. Mas qual é a concepção desse nacionalismo? E de que forma essa concepção influenciou o pensamento educacional do autor?

Silva já no início de uma de suas obras impõe seu principal objetivo: o de enquadrar os problemas regionais aos nacionais. O problema mais grave, segundo o autor era, sobretudo, o de nacionalização.

O autor ataca os interesses regionais em prejuízo dos nacionais; para ele a solução teria que ser buscada no âmbito nacional:

Povoar, educar, reeducar, policiar, vigiar e produzir são enunciados que devem estar sempre no espírito de preocupação de todos os brasileiros conscientes de seu papel. Não colabora com semelhante plano de ação quem se aferra a interesses meramente regionais, e o que é pior, a interesses pessoais, com desprezo das necessidades brasileiras.²

Melo e Silva acreditava que o sul de Mato Grosso era importante do ponto de vista estratégico: fazia fronteira com dois países e com quatro estados da federação, ponte que ligaria o sudeste do Brasil com os países do Prata. Terra fértil, rios caudalosos, clima agradável: a sua Canaã se transformaria no celeiro do Centro-Oeste. Incorporando as idéias retiradas de Mário Travassos, na obra *Projeção Continental do Brasil*, ressalta a importância geopolítica e geográfica de Mato Grosso: ponte de comunicação entre Bolívia (que não tem acesso ao mar) e o Porto de Santos.

Urgia, pois, fazer o devido povoamento dos locais praticamente “abandonados” e modificar o regime das localidades onde havia hábitos e costumes opostos às tendências nacionais. O autor acredita que era preciso acionar a defesa nacional naquela região e utiliza-se da expressão “fronteiras vivas” para defender a ocupação da fronteira em seu “sentido legítimo, que é o da formação e o da educação do sentimento do povo daquelas regiões”³. Para ele, não bastava a integração nacional, era preciso haver uma união étnica.

² MELO E SILVA, 1947, p.111.

³ Id., 1989, p. 166

Quais eram os problemas, segundo o autor, que prejudicavam a nacionalização da região? Segundo ele, o principal deles era o de origem étnica, problemas de uma mestiçagem fronteiriça:

De um e outro lado da extensa linha há tipos perniciosos. Mas o que é comprovadamente verídico é que procedem do mesmo sangue e têm a mesma índole. São muitas vezes tipos intermediários, resultantes de uma inconveniente mestiçagem, que levaram anos a fio em nossos quartéis de fronteira (...).⁴

Esses mestiços aos quais Melo e Silva se refere eram os trabalhadores paraguaios, força de trabalho da manufatura ervateira. A região sul havia recebido, desde o final do século XIX, milhares desses trabalhadores. Expropriados de suas terras, no final da Guerra da Tríplice Aliança (1870) a população paraguaia migrou para Mato Grosso, se transformando na principal força de trabalho desta região. E é exatamente por esse motivo que Melo e Silva não pensa que a melhor maneira de resolver esse “problema” seria expulsá-lo: “nacionalizar a fronteira não significa banir de lá o descendente guarani (...) o paraguaio é o elemento que melhor se adaptou até hoje à extração da erva (...)”⁵. A presença dessa população foi tão significativa que Melo e Silva se preocupava com a influência cultural marcante dessa população em toda a região, pois “(...) a despeito de parecerem de civilização inferior, muitos dos nossos [brasileiros] são por eles absorvidos (...) talvez porque dominem pelo número”⁶. Não sendo possível uma substituição desse mestiço, era necessário, então, modificá-lo.

Mais tarde, a partir dos anos 1890, a fronteira passou a receber, também, migrantes gaúchos. Os migrantes gaúchos eram vistos com certa desconfiança por Melo e Silva já que, apesar de seu “amor patriótico”, estes haviam adquirido vários costumes que os aproximavam do trabalhador paraguaio, como: “pouca inclinação pela cultura do campo, preferência pelas atividades pastoris, a bomba de chimarrão, o churrasco a seu modo, a corrida de cavalos, a vestimenta, a índole guerreira (...)”⁷.

Esses hábitos que Silva condena não eram condizentes com o trabalho racional, realizado com muita ordem e sem perda de tempo. Para o autor os trabalhadores perdiam muito tempo no trabalho com uso de instrumentos inapropriados e se utilizando de folgas desnecessárias.

É preciso observar que os hábitos e resistências tão abominados por Melo e Silva eram manifestações culturais do trabalhador fronteiriço, hábitos ligados ao tipo de trabalho

⁴ MELO E SILVA, 1989, p.133

⁵ Id., 1939, p. 275.

⁶ Id., 1989, p. 72.

desenvolvido na região. Grande parte desses trabalhadores empregava-se no trabalho da elaboração da erva-mate, organizado nos moldes da manufatura. Embora esse tipo de organização já adotasse a divisão do trabalho e a especialização, não retirou totalmente o controle do trabalhador sobre o processo de trabalho. Na manufatura o trabalho ainda é subjetivo, pois depende da habilidade parcial do trabalhador que atua com sua ferramenta, ao contrário da indústria moderna que faz do trabalhador um apêndice da máquina. A habilidade do trabalhador gerava resistências no interior da produção, conforme Marx demonstra ao tratar do trabalho manufatureiro: “por todo o período manufatureiro estendem-se as queixas sobre a falta de disciplina dos trabalhadores”⁸.

Para o autor a modificação desse homem seria possível, sobretudo, através da educação, em sentido mais amplo, como educação no trabalho, costumes, etc, como no sentido mais restrito, em escolas, por exemplo. Incorporando o pensamento liberal, em sua avaliação o ensino era um dos problemas por excelência da fronteira de Mato Grosso com o Paraguai. Para ele a educação era um instrumento poderoso, capaz de resolver os problemas daquela região, inclusive o de nacionalização: “(...) não permitamos que se abandone o problema do povoamento do solo, da educação do homem, que ali se encontre e que para ali venha, e da conseqüente nacionalização da fronteira. Educado, o homem fará o restante”⁹.

No sentido mais amplo, o autor sugere disciplina rígida no trabalho e meios coercitivos, caso necessário. Defende ainda a introdução dos bons costumes no trabalho e da educação moral como exemplo para a realização de um trabalho racional. Isto só seria possível se houvesse a introdução do homem branco na região, já que o mesmo poderia, através de seu exemplo de bom trabalhador, transmitir ensinamentos de um trabalho racional. Para Melo e Silva a raça ideal seria a da fusão de brasileiros com estrangeiros: “dessa amálgama resulte o predomínio de nossos costumes”. O escolhido para essa missão é o nordestino, forte, sem vícios que tem nas veias sangue nórdico e ibérico. Para ele, urgia também a vinda do colono europeu para a fronteira, a fim de introduzir “sangue novo” numa terra tão carente de “transusão”.

Verificamos que Melo e Silva incorpora as teorias raciais de Oliveira Viana ao sugerir a introdução de novos trabalhadores, sobretudo, nordestinos de raça nórdica. Observamos, também, a incorporação das idéias desse autor que considera a mestiçagem um grande

⁷ MELO E SILVA, 1989, p. 71

⁸ MARX, 1994, p. 421.

⁹ MELO E SILVA, 1989.

problema, pois mestiços seriam brasileiros de raça inferior, incapazes de realizar qualquer modificação no desenvolvimento do Brasil.

Além disso, a influência da educação moral de tipo cristã¹⁰ era muito importante para o autor. Segundo ele, somente a moral cristã era capaz de fazer com que o trabalhador suportasse trabalhos pesados. Isto seria realizado através da ação de missionários. Estes realizariam a “prática do humanismo econômico”, para frear o capitalismo ou, melhor explicando, para colocá-lo a serviço da humanidade. Algo como “o termo médio entre as idéias de Marx e as de Smith”¹¹.

É importante tentar compreender o que o autor quer dizer com humanismo econômico. Melo e Silva está preocupado com a crise, com os problemas sociais e defende a instalação da pequena propriedade para resolver os problemas da miséria e da ameaça de convulsões sociais. Contudo, não se contrapõe ao latifúndio¹². Estas poderiam conviver juntas. A distribuição de terras seria o remédio para sanar os males da miséria e a ameaça ao regime. O nordestino poderia ser o homem que ocuparia esse espaço, colonizando e nacionalizando o território. Melo e Silva sugere, inclusive que o europeu poderia ocupar parte das terras, já que na Europa isso não era mais possível e esta população sofria com a pobreza. Contudo, essa política deveria ser centralizada

Melo e Silva reflete todo esse contexto no Brasil que passava por profundas transformações, influenciadas pelas mudanças observadas em âmbito mundial. Vivia-se, em todo o mundo, forte crise no sistema capitalista e as disputas por mercados com iniciativas expansionistas ocasionaram, em última instância, a duas Grandes Guerras Mundiais. No Brasil, os reflexos desse momento de crise repercutiram, à época, na economia do café que dependia do mercado externo, já retraído. Na política, a crise cafeeira ocasionou disputas entre as frações da classe dominante, culminando na conhecida “Revolução de 1930”. O Estado implementa políticas reformistas e centraliza o poder que, naquele momento, passa a dar o tom do novo governo, representado por um momentâneo acordo entre novas forças emergentes, como a burguesia industrial e as classes médias urbanas. O Estado fica sujeito, pois, às pressões desses novos grupos e procura fazer alianças com objetivo de ampliar sua sustentação. Para obter a hegemonia era preciso trabalhar no plano ideológico a fim conseguir apoio e mobilização para as mudanças: a ideologia nacionalista é expressão desse momento

¹⁰ Observamos também que no momento em que a discussão sobre o nacionalismo vai se radicalizar aparecem propostas de introduzir nas escolas a moral católica como necessidade nacional. A intenção de Melo e Silva de difundir o “humanismo econômico” – vinculado à moral cristã - estava nas idéias já defendidas entre os intelectuais ligados à Igreja.

¹¹ MELO E SILVA, 1989, p. 146.

histórico e emerge com conteúdo bastante peculiar, passando a justificar problemas de toda ordem.

E, enquanto ideologia, o nacionalismo emerge com força total em épocas de crise¹³. Neste momento das grandes guerras mundiais, época de grande crise do capitalismo, o nacionalismo surge com forte conteúdo xenofóbico, como o nazi-fascismo. Nessa época, o desemprego e a super exploração do trabalho começam a desencadear movimentos organizados, temidos pelas classes conservadoras. Como forma de desviar a atenção do problema maior da crise surgem, como forte reação da burguesia, movimentos de ordem nacionalista, cujos alvos principais são os estrangeiros, negros, judeus, etc. Dessa maneira, as classes dominantes passam a atribuir todos os males às “raças”. As diferenças, então, em épocas de maior crise se tornam um “problema”¹⁴.

Melo e Silva é expressão desse contexto do pós-segunda guerra, o que empresta um tom fortemente preconceituoso, notório em suas obras, sugerindo propostas da eugenia para a transformação racial. Isto, por sua vez, vai influenciar suas análises acerca dos problemas da fronteira, de sua concepção de homem e de proposta educacional para essa região.

Contudo, esse foi um movimento que não se deu de maneira uniforme, pois vamos encontrar vários matizes no pensamento nacionalista. Nesse sentido, Melo e Silva aproxima-se do pensamento autoritário que advogava um Estado forte e centralizado, com plenos poderes. Para realizar o trabalho educativo, por exemplo, o autor defende a centralidade da política educacional. Mais do que isso, uma fiscalização, uma interferência direta do poder central na região, inclusive na distribuição de terras, como foi verificado anteriormente. Para Melo e Silva, era impossível defender uma proposta que pudesse valorizar as tendências regionais. Nesse sentido, Melo e Silva se contrapõe aos escolanovistas que defendiam a valorização dos interesses regionais: “unidade não significa uniformidade”¹⁵.

A aproximação do autor com uma concepção do nacionalismo conservador fica evidente também na incorporação que faz do pensamento autoritário de matiz militar, demonstrando sua preocupação com a segurança nacional e com a incorporação de várias teses geopolíticas.

Para concluir, podemos afirmar que Melo e Silva foi expressão do nacionalismo considerado mais conservador que via na arianização progressiva da sociedade uma maneira

¹² MELO E SILVA, 1989, p. 135.

¹³ HOBSBAWM, 1988.

¹⁴ VALENTE, 1999.

¹⁵ AZEVEDO ET.AL., 1932 apud GUIRALDELLI JUNIOR, 2000.

de superar os problemas do país. A receita para salvar a fronteira, teria uma combinação de três elementos transformadores: branqueamento progressivo, trabalho e educação.

Referências bibliográficas

ALVES, Gilberto Luiz. Mato Grosso e a História: 1870-1929. Ensaio sobre a transição do domínio da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 61, p. 5-61, 2.sem. 1984.

CENTENO, Carla Villamaina. **A educação do trabalhador nos ervais de Mato Grosso (1870-1930): crítica da historiografia regional, de suas concepções de trabalho, história e cultura.** Campo Grande, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) –Centro de Ciências Humanas e Sociais, UFMS.

CORREIA, Valmir Batista. **Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889 – 1943).** Campo Grande : UFMS, 1995.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A educação na revisão constitucional de 1926. In: FÁVERO, ° **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988.** 2. ed. rev amp. Campinas: Autores Associados, 2001.

GUIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação.** São Paulo: Cortez, 2000.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos impérios (1875-1914).** 3.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **A era do capital: 1848-1875.** 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política.**(livro primeiro : o processo de produção do capital). 7.ed. São Paulo: Difel, 1982. v.1.

MELO E SILVA, José de. **Canaã do Oeste (Sul de Mato Grosso)** Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul,1989.

_____. **Fronteiras guaranis.** (com um estudo sobre o idioma guarani, ou ava-ñe-ê). São Paulo: Imprensa Metodista, 1939

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Quando as diferenças são um “problema”?** Caxambú: ANPED, 1999.

VIANNA, F.J. **Evolução do povo brasileiro.** São Paulo: Monteiro Lobato, 1927.